

BENEFÍCIOS DAS ATIVIDADES LÚDICAS NO MEIO AQUÁTICO PARA O DESENVOLVIMENTO MOTOR NA PRIMEIRA INFÂNCIA**BENEFITS OF PLAYING ACTIVITIES IN THE WATER ENVIRONMENT FOR MOTOR DEVELOPMENT IN EARLY CHILDHOOD**

Ana Cristina Menezes FRANCISCO¹; Beatriz Sanches FRALEONI¹; Anderson MARTELLI²; Giovana Maximiano Schiavon PACOBELLO³; Roberto Aparecido MAGALHÃES⁴

1. Bacharelado em Educação Física pela UNIMOGI – Mogi Guaçu-SP.
2. Mestre Ciências Biomédicas Fundação Herminio Ometto, Araras-SP; Biólogo e Diretor da Secretaria Meio Ambiente, Itapira-SP.
3. Mestre em Educação pela UNISAL ; Especialização em Fisiologia do Exercício UNIFESP; Técnica de Natação pela equipe de Mogi Guaçu-SP; Docente do Curso de Educação Física da UNIMOGI- Município de Mogi Guaçu – SP.
4. Mestre em Performance Humana; Docente e Coordenador do Curso de Educação Física da UNIMOGI - Município de Mogi Guaçu – SP.

RESUMO

O contato com o meio líquido surgiu desde a pré-história quando o homem usava como meio de defesa e caça e foi se aprimorando com o passar dos séculos, tornando um meio tanto de lazer quanto para o desenvolvimento motor, cognitivo, social e tátil de maneira que a criança estimule sua motricidade. Os anos que compreendem dos 0 aos 2 anos de idade é classificado como primeira infância, nessa fase ocorre o desenvolvimento das ligações físicas dos neurônios e da coordenação motora onde permite que o bebê comece a caminhar mais cedo. Assim, esse trabalho objetivou analisar os benefícios de atividades lúdicas na natação para a melhoria do desenvolvimento motor na primeira infância. Uma maneira de se trabalhar as atividades aquáticas para bebês é através da ludicidade como forma de brincadeiras, jogos, músicas e contos fazendo com que os primeiros movimentos das crianças tornem-se prazerosos não sendo uma atividade exclusivamente mecanicista, sendo necessário que seja voltado para o aspecto socializante, utilizando essa prática para um meio de divertimento.

Palavras-chaves: Primeira infância; Natação; Lúdico; Desenvolvimento motor.

ABSTRACT

The contact with the liquid medium arose since prehistoric times when man used it as a means of defense and hunting and has been improving over the centuries, making it a means of both leisure and motor, cognitive, social and tactile development. way that the child stimulates his motricity. The years that comprise from 0 to 2 years of age are classified as early childhood, in this phase the development of the physical connections of neurons and motor coordination occurs, which allows the baby to start walking earlier. Thus, this work aimed to analyze the benefits of recreational activities in swimming to improve motor development in early childhood. One way of working on aquatic activities for babies is through ludicity as a form of games, games, songs and stories, making the first movements of children pleasurable, not being an exclusively mechanistic activity, being necessary that it be focused on the socializing aspect, using this practice as a means of entertainment.

Keywords: Early childhood; Swimming; Ludic; Motor development.

Recebimento dos originais: 20/03/2023.

Aceitação para publicação: 25/07/2023.

1. INTRODUÇÃO

É usual ouvir a frase “a natação é o esporte mais completo”. Essa afirmação é decorrente por tal atividade poder ser praticada desde o nascimento da criança, ao qual passa por diversas mudanças em sua organização ao longo da primeira infância, a natação traz inúmeros benefícios aos seus praticantes, além de contribuir no desenvolvimento motor de cada um (SANTANA, 2012).

O ser humano ao nascer é muito dependente do adulto. O bebê não consegue nem sustentar o próprio pescoço nem se alimentar sozinho. Ações básicas do indivíduo são desenvolvidas conforme o seu crescimento fisiológico, biológico auxiliado pelo ambiente sociocultural em que ele está inserido. O ambiente é um aspecto importante no desenvolvimento motor, e nesse ponto pode-se dizer que as atividades aquáticas são eficientes na melhoria da coordenação motora para os bebês (COSTA, 2009).

Comparando os bebês em atividades aquáticas e os que não fazem essas atividades, observa-se que há um nível elevado em relação ao desenvolvimento motor, apontando a importância da atividade adequada às necessidades de cada criança, e dando a oportunidade do bebê vivenciar sensações e novas experiências (PEREIRA, 2009). Segundo Silva e Lamp (2015), o indivíduo inserido na natação na primeira infância possui uma habilidade motora mais aprimorada quando comparada a não participantes, isto acontece devido ao grande aporte de experiências motoras ao qual são submetidas.

Não basta dizer que as atividades aquáticas são importantes na primeira infância. A questão que se coloca é como trabalhar com elas. Sugere-se a ludicidade como um caminho. A brincadeira é uma forma pela qual as crianças se apropriam de seu mundo, interpretando o que está ao seu redor e desenvolvendo a imaginação. Quando atividades lúdicas estão associadas ao esporte aquático há benefícios ainda maiores para o desenvolvimento motor das crianças.

Crianças praticantes de atividade física podem ter o seu desenvolvimento motor mais avançado do que aqueles que recebem somente os estímulos habituais. Isso deve ocorrer respeitando a individualidade de cada criança. Além disso, as atividades devem ser feitas de acordo com a idade. Devido a isso o lúdico foi escolhido como uma das formas que podem auxiliar no trabalho das atividades aquáticas da criança, visto que nessa pesquisa aprender brincando é a melhor forma de desenvolver a coordenação motora na primeira infância. Diante desses pontos elencados, este trabalho objetivou analisar os benefícios de atividades lúdicas na natação para a melhoria do desenvolvimento motor na primeira infância.

METODOLOGIA

Para a composição da presente revisão foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados Scielo, Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a busca de dados no Google Acadêmico de artigos científicos utilizando como descritores isolados ou em combinação: Primeira infância; Natação; Lúdico; Desenvolvimento motor.

Para seleção do material, efetuaram-se três etapas. A primeira foi caracterizada pela pesquisa do material com a seleção de 68 trabalhos. A segunda, leitura dos títulos e resumos dos trabalhos, visando uma maior aproximação e conhecimento, sendo excluídos os que não tivessem relação e relevância com o tema. Após essa seleção, buscaram-se os textos que se encontravam disponíveis na íntegra, totalizando 59 trabalhos, sendo estes, inclusos na revisão.

Como critérios de elegibilidade e inclusão dos artigos, analisaram-se a procedência da revista e indexação, estudos que apresentassem dados referentes ao tema proposto. Como critério de exclusão utilizou-se referência incompleta e informações presentemente desacreditadas, já que essa pesquisa visa revisar conhecimentos atualizados sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeira Infância e Desenvolvimento Motor

De acordo com Matta (2001) e Papalia *et al.* (2001) após o nascimento o bebê possui pouco controle sobre seu corpo e seus movimentos não são aprimorados. Gradativamente ele vai conseguindo controlar, primeiramente o corpo nos membros superiores, céfalo-caudal e posteriormente próximo-distal.

Os primeiros anos de vida de um ser humano, a saber, dos 0 aos 2 anos de idade corresponde ao que se denomina primeira infância (GALLAHUE e OZMUN, 2003). Esta etapa da vida é responsável pelo processo de desenvolvimento de muitas ligações físicas, como as dos neurônios e a coordenação motora. E é justamente nessa etapa em que para o bebê o seu desenvolvimento é aperfeiçoado, quando comparado com outras fases da vida do ser humano. (TAVARES *et al.*, 2007).

Nessa fase, o bebê sofre rápidas e consideráveis modificações, como engatinhar, sentar, andar e falar (TAVARES *et al.*, 2007). Segundo Matta (2001) nos dois primeiros meses de vida o bebê aprende controlar o pescoço, e aos quatro meses consegue sentar-se, porém com auxílio de uma base.

Por volta dos quatro aos seis meses ocorrem as primeiras iniciativas de movimentos intencionais como, por exemplo, o rastejar e engatinhar (PAPALIA *et al.*, 2001). Aos sete meses, a criança consegue sentar-se sozinha, sem necessidade de qualquer ajuda ou suporte. Com oito e nove meses, a mesma passa a tentar colocar-se na posição ortostática, apoiando-se em alguém ou em alguma coisa. Porém é apenas aos onze meses que a criança consegue andar com alguma ajuda (MATTA, 2001). Portanto segundo Brazelton (2006), há a necessidade de alguns meses, até que a criança se torne mais independente, pois o andar não se conquista de repente.

Ao conseguir andar a criança solta as mãos para que possa realizar novas descobertas e aprendizagens (BÉBE, 1981). Segundo Gallahue e Ozmun (2003), “oportunidades para prática, encorajamento, instruções e ecologia ou condições do ambiente em si contribuem significativamente para o desenvolvimento das habilidades motoras na vida”. A fase da primeira infância é essencial para o aprendizado, pois o seu processo cognitivo e social está em desenvolvimento. Porém o indivíduo deve ser submetido a variados tipos de estímulo, para melhorar as suas capacidades. (MELO *et al.*, 2008). Dessa forma, percebe-se a importância de se estimular a função cognitiva do ser humano na primeira infância, visto que este é o melhor momento para o desenvolvimento motor (GALLAHUE e OZMUN, 2003).

Quanto ao desenvolvimento motor, no passado achava-se que os bebês não apresentavam inteligência antes da linguagem. De 0 a 12 meses é a fase da descoberta dos movimentos, o levantar os braços a cabeça e conhecer tudo ao redor, a criança tem apenas o ato do conhecimento sem linguagem. A partir da ideia de ação surgiu a palavra motora e noção de percepção, daí o estagio sensorio - motor (SANTOS *et al.*, 2010).

Apesar de o bebê ter atividade motora ativa, são desordenados e sem propósitos objetivos, alguns reflexos são próprios desta idade, e o amadurecimento do cérebro e do córtex frontal, criando assim os movimentos voluntários e melhor organizados. É de suma importância que o bebê seja exposto a estímulos motores adequados ao seu nível de desenvolvimento (RÉ, 2011).

Segundo Zulieti *et al.* (2002), os movimentos aquáticos agem como um pré-estímulo motor, antes mesmo da criança se deslocar fora da água, ela já o consegue dentro, isso requer uma nova estrutura corporal, envolvendo desde o tônus necessário para manter-se ao meio líquido até o equilíbrio corporal para mudanças devido à gravidade devendo ser estimulada na água pela contribuição na aprendizagem (SCHAPPO *et al.*, 2011).

Legarda (2008) cita que a estimulação precoce, atividade de contato ou brincadeira com bebê fortalece e desenvolve adequadamente seus potenciais humano.

Vygotsky (1984) observou o desenvolvimento da criança em um nível cujo ele chama de real e o outro potencial, sendo que o nível de desenvolvimento real refere-se às etapas já alcançadas pela criança, coisas que ela já faz sozinha sem ajuda de outra pessoa, diferentemente do nível de desenvolvimento potencial onde a criança precisará da ajuda de outra pessoa para executar suas tarefas.

Aprendizagens Motoras Na Primeira Infância

Rocha (2014), garante que o desenvolvimento motor e a aprendizagem motora são dois termos que todos confundem. Esses princípios são confundidos devido ao fato de não entender se o movimento está ligado ao desenvolvimento nato ou ao aprendizado adquirido. O desenvolvimento sofre influências do meio e ocorre de forma natural, já a aprendizagem ela depende da atuação do meio sobre o desenvolvimento intrínseco.

De acordo com Libâneo (1994), há dois tipos de aprendizagem, a causal e organizada. A aprendizagem causal surge por meio entre as pessoas e no meio em que vive, essa aprendizagem ocorre pela convivência social, pela análise de objetos e acontecimentos, meios de comunicação, leituras e pela abundância de experiências. Já na aprendizagem organizada a escola é sua característica principal, pois é onde aprende determinados conhecimentos, habilidades e normas de convivência social.

A aprendizagem é um processo de interação, de atividade, só o próprio indivíduo poderá fazer, é uma construção pessoal que envolve o ambiente e a criança (DAHLBERG *et al.*, 2003).

Segundo Piaget (1972), a criança, traz estruturas já construídas como os órgãos sensoriais, cérebro. Sistema nervoso e os reflexos para interação com o ambiente, iniciando-se o processo de desenvolvimento das estruturas cognitivas, dividindo em estágios sequenciados, de forma que, o desenvolvimento cognitivo seja um estágio sensorio motor de 0 a 2 anos de idade, sofrendo modificações conforme a experiência adquirida a partir de reflexos.

Atividades Aquáticas

A natação já nasceu com o homem, pois desde a pré-história o homem se lançava na água a procura de alimento ou até mesmo para se defender de animais (LENK *et al.*, 1966). É uma das práticas corporais mais antigas do homem, assim como a corrida pedestre. Porém na idade média a natação veio ao declínio, pois acreditava-se que a água ajudava a disseminar epidemias e somente no

século XVI ela renasceu e surgiram os primeiros trabalhos escritos na Alemanha, Inglaterra e Suécia, onde surge o nado chamado cachorrinho (LOTUFO, 1980).

Segundo Catteu e Garoff (1990) a prática de natação para bebês surgiu nos Estados Unidos devido ao grande número de piscinas nas residências, e a curiosidade das crianças, sendo assim houve a necessidade de prepará-las para o meio líquido, com intuito de evitar riscos.

A natação não pode ficar limitada a um conceito exclusivamente mecanicista, deve ser uma atividade de interação dos praticantes, voltada para o aspecto socializante, usada para o prazer, onde as pessoas descobrem e aperfeiçoam sua personalidade (JUNIOR, 1993). A melhor forma de socializar o bebê é através do contato com outras crianças, ou seja, colocando-as em escolinhas para que tenham uma aproximação com outras crianças, mães e professores (LIMA, 2003).

Estudos comprovam que a natação possibilita vários benefícios para crianças de qualquer faixa etária, melhorando tanto o processo de desenvolvimento quanto o bem estar (PAGANI *et al.*, 2014). O meio líquido possibilita uma diversidade de novos movimentos, onde no meio terrestre não seria possível, com isso ele irá desenvolver sua motricidade, seu desenvolvimento neuromotor, permitindo assim que o bebê comece a caminhar mais cedo, beneficiando-o também a ter uma melhor tranquilidade no sono e estimulando o apetite (ABC DO BEBÊ, 2003).

Para Oliveira (2013), atividades aquáticas desenvolvem a criança por completo, tanto fisicamente quanto psicológica e socialmente, pois ela oferece uma atividade sistemática de forma que saia da adaptação e que também leva ao prazer e a diversão.

Raiol e Raiol (2011), afirma que as aulas devem ser aplicadas de maneira lúdica e recreativa com música e brincadeiras fazendo com que assimilem melhor os primeiros movimentos e tornando-se prazeroso. Conforme o gráfico abaixo (Figura 1), o desenvolvimento motor aquático compreende sete níveis, os dois primeiros são referentes à transição entre reflexo de nadar e controle postural voluntário. Os níveis de três a seis referem-se às mudanças graduais no padrão de deslocamento aquático. E por último o nível sete, que é referente a um período de capacidade de nadar para vários propósitos, sejam eles recreativos, ocupacionais ou esportivos, de forma abrangente como polo aquático, mergulho, etc. (FILHO e MANOEL 2002).



FIGURA 1: Modelo de desenvolvimento do comportamento motor aquático. Fonte: FILHO E MANOEL, 2002.

Conforme Bresges (1980), o bebê dos seis aos oito meses possuem comportamentos voluntários em relação ao bloqueio respiratório, de forma que o bebê retém a respiração, tornando o comportamento involuntário em comportamento voluntário, por isso a importância de acostumar o bebê a mergulhar. Lima (1999) explica que é importante exercitar as posições como de frente para a água onde o bebê fica em decúbito ventral, ele obtém segurança e a posição de decúbito dorsal possibilita a estimulação da visão do tato e da audição.

Atividade Aquática para Bebês e suas Estruturas

Segundo Lima (1999) os primeiros banhos são muito importante para adaptação ao meio líquido, a criança utiliza os reflexos para se relacionar com o meio ambiente e o modo como seus pais lidam com isso influenciará na sua adaptação, e o ato de molhar o rosto ou transferir o calor para a criança ajudará no aprendizado na natação. As atividades com a imersão do rosto na água devem partir de um gesto natural, onde o professor e os pais não assustem o bebê, e, evitem atividades que não condizentes com seus domínios (MUNSTER E FOGANHOLI, 2008).

Há uma polêmica quanto à literatura da diversidade de nomes para denominar os programas de ação motora para bebês praticado no meio líquido. A nomenclatura mais utilizada é “natação para bebês” (NAKAMURA e SILVEIRA, 1998).

Podemos citar atividades aquáticas para bebês (GRAU, 2007), adaptação ao meio aquático na primeira infância (LIMA, 2003), aprendizagem motora precoce na água (DAMASCENO, 1997), estimulação aquática para bebês (MORENO e PAULA, 2005) e natação para lactantes (BRESGES, 1980). Existe uma grande dificuldade de definir o termo natação, pela dúvida que há referente ao termo estar bem aplicado a esta faixa etária, ou seja, há uma má interpretação quanto à nomenclatura “natação para bebês”, pois o nome não refere-se às técnicas da natação em si (BRESGES, 1980). Segundo Amaral (1980), é uma “atividade-meio”, isto é, um meio no qual envolve a aprendizagem, educação, saúde e lazer.

Portanto, as atividades executadas no meio líquido tem como finalidade o desenvolvimento global de crianças de 0 a 2 anos de idade, independente da terminologia utilizada (ZULIETTI e SOUSA, 2002). Velasco (1997) relata que o ideal seria colocar a criança a partir dos 3 meses de idade, pois já estará com uma maturação cervical e sustentação, sem falar que o organismo já estará mais protegido. Conforme Hernandez (2008), as escolas recebem os bebês somente entre 6 e 7 meses pois não estão preparadas e adequadas para recebe-los com uma faixa etária inferior.

Um aspecto relevante é que até os dois anos de idade a criança tenha a presença dos pais nas atividades aquáticas, pois eles são o porto seguro, trazendo segurança para realização das atividades (CAMUS, 1996). Para Fernandes (2004) a presença dos pais é essencial, por isso o melhor horário seria no fim de semana, pois trás melhores condições para realização das aulas. Santos e Veloso (2000) acreditam que a duração de 10 a 30 minutos é um tempo ideal. Já para Fernandes (2004) de 30 a 45 minutos seria mais aconselhável. Pagani et al. (2014), sugere que as aulas tenham no máximo dez alunos por turma para três professores, para que não haja acidente.

Velasco (2001) cita que o horário ideal para as aulas, é aquele que não coincide com o sono e a alimentação do bebê. É importante que os pais se preocupem com a alimentação do bebê,

amamentando-o caso sintam fome ou sede durante a aula, devido ao cansaço, agitação e ao fato da temperatura da água gerar mudanças em seu estado fisiológico (NAKAMURA E SILVEIRA, 1998).

Nakamura e Silveira (1998) definem que a temperatura da água seja de 31°C a 32°C no verão, e no inverno de 34°C a 35°C. Amaral (1980), propõe que a temperatura ideal seria de 33°C para bebês a partir dos seis meses de idade. Foganholi (2009) cita que é necessário o uso de fraudas durante as aulas, de forma que mantenha a higienização da piscina, ajudando a reter fezes, caso o bebê evacue. A limpeza da piscina também pode prejudicar a saúde não somente do bebê como também da mãe e professores.

Velasco (1997) cita que o nível do cloro deve estar em 1,5 e o PH em 7,4. Conforme Grau (2007), uma alternativa mais eficaz para se utilizar é o ozônio, que não deixa cheiro desagradável e não irrita os olhos e a pele, como acontece com o cloro. É importante também a limpeza dos materiais utilizados nas atividades, pois as crianças tendem a coloca-los na boca, a segurança é essencial para essa idade, não podendo ter materiais pequenos, cortantes e pontiagudos de forma que possam se machucar. Os mesmos deverão ser sempre higienizados (MADORMO, 2008). Conforme Lima (2003), os materiais devem chamar a atenção da criança, bolas coloridas, brinquedos de EVA, que flutuam e que afundam.

Ludicidade

Segundo Venturini *et al.* (2010), “Ludus” que quer dizer “jogo”, as atividades lúdicas são formadas de brincadeiras, como lidar com os próprios pensamentos. Embora o lúdico seja visto como perda de tempo é extremamente importante, de forma que a criança é naturalmente lúdica (CORTEZ, 1996). Os jogos educativos são indispensáveis para utilização da educação infantil, porém é preciso que os professores levem em consideração que, os jogos educativos apresentam duas características, a função lúdica e a função educativa, construindo-se em uma mistura de jogos de ensino (KISHIMOTO, 2013).

O brincar é uma atividade lúdica onde a criança estimula sua sensibilidade visual e auditiva desenvolvendo habilidades motoras e a imaginação, aprimorando a inteligência e o emocional, promovendo um desenvolvimento sadio e um crescimento mental, além da adaptação social (DALLABONA e MENDES, 2004)

Para Vygotsky (1984) brincar é relevante na constituição do pensamento infantil. Nas brincadeiras e nos jogos a criança revela seu estado cognitivo, tátil e motor. Para Dallabona e Mendes (2004), brincar é sinônimo de aprender, desenvolvendo o pensamento e compreendendo o meio. Segundo Marcellino (1990), é necessário que o ensino aconteça de acordo com a linguagem das crianças, ou seja, por meio de situações imaginárias, brinquedo, jogos e brincadeiras.

De acordo com Orício e Trigo (2012), um fator muito importante para o desenvolvimento da criança seja ela afetivo, social, cognitivo e de relacionamento entre outras crianças na educação infantil, é o método de atividades lúdicas como uma brincadeira, diversão, lazer, passatempo entre outros nas escolas e educações infantis por passarem seu maior tempo nesses ambientes. Essas brincadeiras farão com que as crianças se prendam mais nas atividades, proporcionado um ambiente prazeroso para elas.

Para Niles e Socha (2014), a atividade lúdica através de jogos e brincadeiras é de suma importância a ser trabalhado por todos pedagogos, professores, comunidades, escolas, instituição

infantil e familiares que tenham a ideia de educar ajudando as crianças na sua aprendizagem e socialização.

De acordo com Chicon *et al.* (2014) a atividade lúdica é um conjunto de procedimentos que pode ser considerado um jogo sem regras concretas. Dentro da natação onde é uma atividade que proporciona um desenvolvimento muito grande nas crianças, a atividade lúdica utilizada como recursos pedagógicos misturados ao meio líquido tende a potencializar seus benefícios, aprendizado, desenvolvimento motor, socialização entre outros.

Segundo Junior e Santiago (2008) a ludicidade tem um papel fundamental no aprendizado da natação devido sua grande motivação no ensino-aprendizagem, já que dessa forma os alunos demonstram maior interesse em participar de aulas prazerosas com diversão, jogos, brincadeiras, atividades historiadas, músicas entre outros.

Primeiro passo para utilização da natação seja para um adulto ou uma criança é sua adaptação ao meio líquido, para isso o educador deverá pensar em várias estratégias para um bom aprendizado e desenvolvimento. A brincadeira e os contos servem para desenvolver o pensamento da criança criando situações imaginárias e criativas, aproximando-a do educador gerando uma confiança maior, fazendo com que o aprendizado se torne de forma prazerosa e alegre (SOARES *et al.*, 2014).

Para Huizinga (1971), o envolvimento com a água causa medo e ansiedade em muitas pessoas, e o brincar é uma atividade que prende a atenção da criança. A criança por estar completamente envolvida com a atividade lúdica, esquece o possível perigo que o meio líquido pode retratar.

Conforme Venturini *et al.* (2010), as atividades lúdicas servem como uma forma de desenvolver a imaginação da criança, pois brincando as crianças aprendem enquanto divertem-se, interagem-se através do contato uma com as outras e fazem novas descobertas. Para que ocorram essas experiências, é importante que o professor utilize a ludicidade como forma de liberdade para as crianças, e não esperando apenas os resultados finais, pois para ele os jogos e as brincadeiras têm como objetivo o educar, já para as crianças não há um propósito, elas brincam sem finalidade, sendo assim busca-se um equilíbrio entre o brincar e o educar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o lúdico é a melhor forma de se trabalhar e estimular a criança através de músicas, contos e brincadeiras, tornando-as mais ativas e submetendo-as ao desenvolvimento motor por algo que lhe trás prazer. Por isso a importância dos pais e professores em inseri-los nas atividades aquáticas e trabalhar a ludicidade como uma forma de desenvolvê-los mais rápido, tornando-os aptos a um melhor controle postural e terem mais organização de locomoção aquáticas de forma que crianças se sintam mais seguras e coordenadas.

Entretanto cabe ao profissional avaliar todas as circunstâncias a fim de reduzir possíveis riscos durante ou após as atividades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABC do BEBÊ. A criança na piscina. Disponível em: <<http://www.abcdobebê.com>>. Acesso em: maio/2016.
- AMARAL, C. C. Natação para bebês: Iniciação Desportiva. Curitiba-PR, 1980.
- BÉBE, M. O meu filho dos 12 meses aos três anos. Porto: ed. Porto, 1981.

- BRAZELTON, T. B. O Grande Livro da Criança – o desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos. 9ª Edição. Lisboa: ed Presença, 2006.
- BRESGES, L. Natação para o meu neném. tradução de Maria Lenk. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1980.
- CAMUS, J. L. Las prácticas acuáticas del bebé. Barcelona: Paidotribo, 1996.
- CATTEAU, R.; GAROFF, G. O ensino da natação, ed. 3, São Paulo: Manole, 1990.
- CHICON, F. J; SÁ, S. C. G. M.; FONTES, S. A. Natação, Ludicidade e Mediação: a Inclusão da Criança Autista na Aula. *Revistada Sobama, Marília*, v. 15, n. 1, p. 15-20, Jan./Jun., 2014.
- CORTEZ, R. N. Ch. Sonhando com a magia dos jogos cooperativos na escola. *Motriz. Journal of Physical Education. UNESP*, v. 2, n. 1, p. 01-09, 1996.
- COSTA, S. G. Impacto de um programa de atividades aquáticas no desenvolvimento motor de bebês. Porto Alegre: UFRS, 2009.
- DAHLBERG, G; MOSS, P; PENCE, AI. Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas. *Artmed*, 2003.
- DALLABONA, S. R; MENDES, S. M. S. O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar. *Revista de divulgação técnico-científica do ICPG*, v. 1, n. 4, p. 107-112, 2004.
- DAMASCENO, L. G. Natação para bebês: dos conceitos fundamentais a prática sistematizada. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.
- FERNANDES, D. Natação para bebês. Apontamentos do Projeto de opção I Escola de Ciências da Saúde. Braga: Universidade do Minho 2004.
- FOGANHOLI, C. Natação para bebês com síndrome de Down. In: Déa, V.H.S, Duarte e Síndrome de Down: informações, caminhos e histórias de amor. São Paulo: Phorte ed. 2009.
- GALLAHUE, D. L; OZMUN, J. C. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: ed. Phorte, 2003.
- GRAU, G. B. Los Bebés em el Agua: experiência fascinante. Barcelona: Paidotribo, 2007.
- HERNÁNDEZ, A. J. EL bebé y la agua. Disponível em: www.i-natacion.com/articulos/matronatacion/bebes.html
Acesso em 13/07/2008
- HUIZINGA, J. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo, Perpectiva/EDUSP, 1971.
- JÚNIOR, A. B. Natação: saber fazer ou fazer sabendo. Campinas: Unicamp, 1993.
- JÚNIOR, R.; SANTIAGO, V. Ludicidade, diversão e motivação como mediadores da aprendizagem infantil em natação: propostas para iniciação em atividades aquáticas com crianças de 3 a 6 anos. 2008.
- KISHIMOTO, T. M. Brincar, letramento e infância. Em busca de uma pedagogia da infância: pertencer e participar. Porto Alegre, RS: Penso, p. 21-53, 2013.
- LEGARDA, M. Estimulação precoce inteligência emocional e cognitiva. Ed. Grupo cultural, vol 3 , 2008.
- LENK, M; PEREIRA, W. Natação olímpica. Ed. Americana, 1966.
- LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo, Cortez, 1994.
- LIMA, E. L. Prática da Natação para Bebês, A. Ed Física, Esporte, Saúde, 2003.
- LIMA, W. U. Ensinando Natação. São Paulo: Phorte, 1999.
- LOTUFO, J. N. Ensinando a nadar. 8ª.ed., São Paulo, Brasipal, 1980.
- MADORMO, S. Estimulação psicomotora aquática. In: I Congresso Brasileiro de Natação Infantil. 2008.
- MARCELLINO, N. C. Pedagogia da animação. Campinas, Papirus, 1990.
- MATTA, I. Psicologia do desenvolvimento e aprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.
- MELO, S. I; GATTI, R. G.O; DETÂNIC, R.C; ESTRAZÚLAS. JA KREBS, R.J. Desempenho motor de crianças de diferentes estágios maturacionais: análise biomecânica. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 8, n. 1, p. 58-67, 2008.
- MORAES, R. B. Atividades aquáticas para bebês: análise da estrutura dos programas e das escolas/academias de natação. Porto Alegre, 2011.

- MORENO, J. A; PAULA, L. D. Actividades Acuáticas para el primer año de vida del bebé. In: II Congreso Internacional de Actividades Acuáticas. Murcia: Instituto U. P. de Cinências Del Deporte, 2005.
- MUNSTER, M. A.V; FOGANHOLI, C. Mergulhando na diversidade: uma proposta pedagógica da natação para bebês com necessidades especiais. In: Congresso Brasileiro de Educação Especial, São Carlos, 2008.
- NAKAMURA, O. F; SILVEIRA, R. S. Natação para bebês. São Paulo: Ícone, 1998.
- NILES, J. P. R. SOCHA, K. A importância das atividades lúdicas na educação infantil. *Ágora:R.Divulg.Cient*, v. 19, n. 1, p. 80-94, jan./jun. 2014.
- OLIVEIRA, L. R. Importância da natação para o desenvolvimento da criança e seus benefícios. *Revista @rgumentam, Faculdade Sudamérica*, v., p. 111-130, 2013.
- ORÍCIO, S.M.; TRIGO, M. W. R. A ludicidade e sua relação com a educação física infantil. *Conexão ci.: r. cient. UNIFOR-MG, Formiga*, v. 7, n. 2, p. 116-124, jul./dez. 2012.
- PAGANI, M. M.; SOARES, D. V.; D. SOUZA L., F. INICIAÇÃO A NATAÇÃO PARA CRIANÇAS DE 3 A 6 ANOS. *Revista Científica FAEMA*, v. 5, n. 2, p. 98-114, 2014.
- PAPALIA, D. E; OLDS, S. W; FELDMAN, R. D. O mundo da criança. Lisboa. McGraw-Hill. 2001.
- PEREIRA, K. R. G. Atividades aquáticas para bebês: influência no desenvolvimento motor. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- PIAGET, J. Aprendizagem e desenvolvimento. PANCELLA, JR; NESS JSV Studying Teaching. Prentice Hall, 1972.
- RAIOL, P. F; RAIOL, A.R. As aulas de natação para bebês: Capacidades Motoras e Princípios do Treinamento. *Educação Física em Revista*, v. 5, n. 3, 2011.
- RÉ, A. Crescimento, maturação e desenvolvimento na infância e adolescência: Implicações para o esporte. *Revista Motricidade*, v. 7, n. 3 (2011). Disponível em <http://www.revistamotricidade.com/arquivo/2011_vol7_n3/v7n3a08.pdf>.
- ROCHA, K. A utilização dos brinquedos no processo de ensino aprendizagem da natação. Trabalho de conclusão de curso, Curitiba, 2014.
- SANTANA, D.. O .D. Natação para bebês de 03 a 24 meses: Universidade do Vale da Paraíba Faculdade de Educação e Artes Curso de Educação Física, 2012.
- SANTOS, C. VELOSO, E. Metodologia da adaptação ao meio aquático. In: 1º Curso básico de Educação Aquática. Linda a Velha. 2000.
- SANTOS, I; DORNELES, L; DIAZ, M. Corpo e movimento, uma reflexão sobre as relações da motricidade com a aprendizagem no universo escolar. *Lecturas, Educación Física y Deportes*, v.15, n.146, 2010. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd146/relacoes-da-motricidade-com-a-aprendizagem-escolar.htm>>.
- SCHAPPO,L; MAZZINI,B; DORNELLES,R. Análise psicomotora em crianças praticantes e não praticante de natação. *Revista Científica JOPEF*. V, n.1, pg 46 Disponível em <<http://www.revistajopef.com.br/Revistajopef.v11.n1.2011>>.
- SILVA, A. S; LAMP, C. R. Análise do desenvolvimento motor de crianças de 3 a 5 anos praticantes e não praticantes de natação. Cacoal-RO. *Revista Eletrônica FACIMEDIT*, v. 4, p. n.2, 2015.
- SOARES, V. D.; PAGANI M. M.; LIMA, S. F. Iniciação a natação para crianças. *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente* 5(2): 98-114, jul-dez, 2014.
- TAVARES, J. PEREIRA, A. S., GOMES, A. A., MONTEIRO, S., GOMES, A. Manual de psicologia do desenvolvimento e aprendizagem. Porto: Porto Editora. 2007.
- VELASCO, C. G. Natação Segundo a Psicomotricidade. 2.ed. Rio de Janeiro: .Sprint, 1997.
- VELASCO, C. Natação para bebé: uma estimulação psicomotora. Documento de apoio do seminário conversas sobre Educação Aquáticas. Lisboa Solplay. 2001.
- VENTURINI, G. R. de O.; RODRIGUES, B. M.; MATOS, D. G. de; JÚNIOR, R.L. P.; ZANELLA, A. L; SAVÓIA, R. P.; FILHO, M. L. M. A importância da ludicidade na educação infantil para o desenvolvimento das habilidades motoras. *Revista Digital*, Buenos Aires, n. 145, p.1-12, jun. 2010.

- VYGOTSKY, L. V. A Formação Social da Mente: Desenvolvimento e Aprendizagem dos Processos Psicológicos Superiores. Trad. José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto e Solange Afeche. São Paulo: Martines Fontes, 1984.
- XAVIER FILHO, E; MANOEL, E. de J. Desenvolvimento do comportamento motor aquático implicações para a pedagogia da Natação. Revista Brasileira de Ciência e Movimento Revista Brasileira de Ciência e Movimento Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 10, n. 2, p. 85-94, 2002.
- ZULIETI, L.; SOUSA, I. A aprendizagem da natação do nascimento aos 6 anos – fases de desenvolvimento. Revista Univasp. São Paulo, 2002.